

FREUD E FANON: A REALIDADE PSÍQUICA E A REALIDADE SOCIAL

FREUD AND FANON: PSYCHIC REALITY AND SOCIAL REALITY

Victorine Liguicano¹

Resumo:

O presente artigo visa expor a perspectiva freudiana acerca dos eventos psíquicos em contraposição ao entendimento fanoniano dos processos mentais. Sigmund Freud acredita que a forma como o psiquismo se desenvolve é individual e se veicula ao conceito de realidade psíquica que significa, em última instância, a primazia da fantasia sob a realidade. Inversamente, Frantz Fanon não considera apropriado universalizar os preceitos psicanalíticos para todos os povos. Ele acredita que a população negra tem sua psique influenciada fortemente por elementos sociais, não sendo portanto, um processo estritamente individual e fantasioso, mas sim um evento social e material. Cada posicionamento possui características específicas que, quando analisadas em paralelo, são capazes de causar um perspectivismo teórico e prático nas formas como o tratamento direcionado à saúde mental é tratado.

Palavras-chave: Sigmund Freud; Frantz Fanon; psicanálise; psicoterapia; negro.

Abstract:

This article purpose to expose the Freudian perspective on psychic events as opposed to the Fanonian understanding of mental processes. Sigmund Freud believes that the way the psyche develops is individual and is linked to the concept of psychic reality, which ultimately means the primacy of fantasy over reality. Conversely, Frantz Fanon does not consider it appropriate to universalize psychoanalytic precepts for all peoples. He believes that the black population has its psyche strongly influenced by social elements, therefore, it is not a strictly individual and fanciful process, but a social and material event. Each position has specific characteristics that, when analyzed in parallel, are capable of causing theoretical and practical perspectivism in the ways in which mental health treatment is treated.

Keywords: Sigmund Freud; Frantz Fanon; psychoanalysis; psychotherapy; black.



¹ Doutoranda pela Universidade federal do Rio de Janeiro. Emai: victorineliguicano@outlook.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9744937622288724> ORCID: 0000-0002-4073-3220

Introdução

Sigmund Freud é amplamente conhecido como o inventor da psicanálise e suas reflexões influenciam aspectos teóricos e clínicos nas mais variadas áreas do conhecimento. Freud substituiu a tese filogenética pela ontogenética, ou seja, no que se refere à constituição do indivíduo, o psicanalista deixou de lado a tese filogenética – que acredita que o sujeito é formado e se estabelece a partir dos eventos decorridos na evolução das espécies. Para a filogenia é a adaptação humana que ocorre desde os primórdios da humanidade que ofereceria as condições para o desenvolvimento humano. Já a ontogênese, perspectiva adotada por Freud, se baseia na ideia de que tal desenvolvimento inicia-se na concepção e finaliza-se na morte. Dessa forma, no espaço decorrido entre esses dois pontos, a saber, a concepção e a morte, se desenrolariam diversas etapas singulares do desenvolvimento do indivíduo (MOURA, 2016). Por outro temos o psiquiatra lado Frantz Fanon. O intelectual apresenta-se como um marco na forma como os pacientes eram tratados nas alas psiquiátricas, formulando práticas inovadoras que levaram em conta elementos fundamentais para a reabilitação sadia dos doentes mentais. Para ele o eixo norteador de sua prática deveria ocorrer através da sociogênese, isso significa, em linhas gerais, acreditar que os processos psíquicos do sujeito são elaborados através das diferentes relações que o indivíduo possui com o meio social bem como a forma como a sociedade impacta o sujeito nas diferentes esferas de sua vida. Para tanto, o presente artigo visa cotejar a perspectiva psicanalítica de Freud junto à postura psiquiátrica empregada por Fanon.

Freud e a realidade psíquica

As reflexões acerca do método freudiano que se seguem são baseadas na reconstituição de trechos do meu livro intitulado *Literatura e psicanálise: um estudo de delírio e sonhos na gradiva de Jensen (1907-1906) de Sigmund Freud*. Cabe sublinhar que Freud, no processo de construção do que virá ser chamado de psicanálise, se nutriu de várias fontes que vão desde a medicina, como a prática clínica, a arte e também o conhecimento adquirido através de sua auto-análise. A guinada crucial que levou Freud à percepção de que ele necessitava propor uma nova área do conhecimento remete ao caso das histéricas. Afinal, quando tais mulheres chegavam no hospital o atendimento que lhe era direcionado a tais mulheres vinculava-se à medicina clássica que, por sua vez, associa o aspecto anatômico com o fisiológico. Dessa forma, tais mulheres eram menosprezadas, uma vez que a medicina tradicional da época não era capaz de identificar a origem do sofrimento que elas padeciam. Freud, por outro lado, percebeu que o sofrimento de tais moças era verdadeiro e ao invés de investiga-lo sob a ótica da fisiologia se propôs a buscar a origem das queixas através da fala. Assim, diferente da medicina tradicional que apenas analisava o corpo do enfermo afim de descobrir alguma doença, Freud se dispôs a conversar e ouvir o relato das assim chamadas histéricas.

Entretanto, em 1897 Freud, em carta ao seu amigo Fliess, afirmou uma sentença que marcou profundamente todo o desenvolver do edifício psicanalítico, a saber, a ideia de que ele “não [acredita] mais em [sua] neurótica (teoria das neuroses)” (FREUD, 1897/1986, p. 265). Ou seja, tal afirmava que a o motivo da neurose estava vinculado à um trauma vivenciado de caráter sexual e o psicanalista percebeu que estava errado em sua teoria. Dentre a sua argumentação que visava justificar a mudança metodológica de sua prática clínica destaca-se a percepção de

que “não há indicações de realidade no inconsciente, de modo que não se pode distinguir entre a verdade e a ficção que foram catexizadas pelo afeto” (FREUD, 1897/1986, p. 266). Isso significa que no relato oferecido pelo paciente misturam-se fatos reais e fantasiosos, uma vez que para a psique humana ambos possuem o mesmo grau de veracidade.

Para Freud, o caso Dora - caso que, em linhas gerais, relata a experiência de uma jovem de 14 anos que afirma ter sido seduzida pelo amigo de seu pai, mas que, ao final da análise conclui-se que foi tudo fruto de suas fantasias – seria a comprovação clínica desse modo de funcionamento do psiquismo humano que prioriza o psíquico em contraposição à realidade factual. Foi o primeiro caso clínico publicado por Freud e nele nota-se o que pesquisador entende por *realidade psíquica*, ou seja, justifica-se a causa pela qual ele afirmava não confiar mais em sua neurótica (teoria das neuroses). Freud afirma que as pessoas neuróticas enfrentam obstáculos no que se refere à área amorosa uma vez que aquilo que é oferecido pela realidade empírica nunca seria capaz de satisfazer as necessidades de tal indivíduo. Essa discordância entre a realidade material e a fantasia criada pelo psiquismo gera uma situação conflituosa onde a realidade produzida pelo psiquismo da pessoa ganha espaço predominante e exerce a sua força independente da realidade exterior e material. Nesse sentido, com o caso Dora, Freud percebeu a força e a primazia das criações fantasiosas da paciente perante os dados da realidade empírica.

Essa mudança empreendida por Freud na clínica exigiu que novos instrumentos de análise fossem criados, para tanto, cabe sublinhar a diferença entre os conceitos de interpretação e construção. Ambos os conceitos são utilizados como modo de apreender a psique humana, no entanto, o significado de cada conceito diverge, de modo que cada qual propõe uma forma específica de escuta do paciente. A interpretação aparece primeiro na empreitada psicanalítica e ela é usada quando o analista precisa oferecer um significado, ou seja, uma interpretação para situação relatada pelo paciente. Afinal, nesse primeiro momento da psicanálise acredita-se que o inconsciente deveria se tornar consciente, ou seja, existia a crença de que há algo a ser desvelado no psiquismo do paciente, uma verdade escondida que deve ser revelada. Nesse sentido, a interpretação era fundamental quando a psicanálise tinha como um de seus fundamentos a teoria das neuroses, dado que havia a crença de que existia um trauma sexual suprimido que seria a causa do distúrbio neurótico. Para tanto, a interpretação, tal como indicam Roudinesco e Plon (1998) servia como método para que o analista oferecesse o significado inconsciente das manifestações trazidas em análise pelo paciente, seja um sonho, um ato falho, etc. A partir de então, o analisando teria a oportunidade de, perante uma nova interpretação do ocorrido, refletir mais profundamente sobre tais elementos vivenciados, dado que os mesmos trazem parcelas do seu inconsciente. No entanto, em certo momento de sua empreitada psicanalítica, Freud percebe a necessidade de reconsiderar seu método de interpretação. Ele nota através da sua própria prática clínica, ou seja, da sua experiência, a demanda de criação de um novo conceito que abarcasse de forma mais fiel a vivência decorrida dentro do consultório. Surge então o conceito de construção, que em 1937 ganha um texto próprio, intitulado *Construções em análise*, texto que o psicanalista comunica com precisão tal prática e lhe confere uma estrutura teórica.

Portanto, em um primeiro momento, Freud acreditou que o sujeito possuía

pensamentos em uma esfera recalcada, soterrados no inconsciente e que possuíam raízes que remontavam aos primeiros momentos da história efetiva do sujeito. Assim, caberia ao analista interpretar as manifestações do inconsciente do paciente a fim de alcançar a história do sujeito que fora esquecida. Em um segundo momento, Freud percebeu que tais pensamentos recalcados não possuíam um caráter inato, não foram cristalizados no interior do inconsciente. Não foi, portanto, uma história ocorrida factualmente, mas antes, considera que o sujeito foi influenciado pela sua realidade psíquica. Freud se dá conta de que “os objetos de satisfação e os representantes não são dados imediatamente e de maneira originária no sujeito, e que devem, pois, ser inventados por este a partir de um fundo indeterminado” (BIRMAN, 1996, p. 48). Donde depreende-se que a ideia de interpretação está vinculada a uma espécie de determinismo, onde algo da realidade empírica determinou diretamente o sofrimento sentido pelo paciente, já a ideia de construção aponta para o indeterminismo do psiquismo, onde a realidade psíquica do sujeito é mais relevante. Percebe-se a virada metodológica empreendida por Freud quando ele afirma não acreditar mais em sua neurótica pois, para o psicanalista, o motivo do distúrbio não mais se veicula à algum fato empírico, decorrido na vida real, mas antes, aponta para a primazia da realidade psíquica. Aqui, o conceito de construção mostra sua importância, uma vez que, não havendo evento empírico para ser lembrado com exatidão, resta ao médico e ao analisando o processo de construção de certas memórias e eventos a partir dos próprios elementos trazidos em análise pelo paciente.

Fanon e o sociogenia

Segundo uma perspectiva diferente do inventor da psicanálise temos o psiquiatra martinicano Franz Fanon. Nascido em 1925 ele se destacou na contribuição para a luta e para as reflexões de caráter decolonial. Antes de adentrarmos diretamente à sua perspectiva acerca do psiquismo humano, vale relatar brevemente parte de sua trajetória biográfica, pois esta influenciou fortemente o posicionamento, seja teórico seja prático, que o autor adquiriu no decorrer de sua empreitada. O trabalho de conclusão do curso de medicina na área da psiquiatria que Fanon escreveu intitulava-se *Ensaio sobre a desalienação do negro* – material que, por sua vez fora recusado pela banca examinadora. Cabe reiterar as palavras de Renato Nogueira (2020) ao indicar que tal recusa de seu trabalho não aponta para a incapacidade intelectual de Fanon, mas antes, indica o horizonte epistemológico limitado da academia francesa que não foi capaz de identificar e assumir a emergência do tema tratado pelo martinicano no então ano de 1951. No ano seguinte, entretanto, tal material fora revisado e publicado com o nome de *Pele negra, máscaras brancas*. É curiosa a crítica que Hannah Arendt faz à tal livro de Fanon. Ela crê que Fanon propõe a violência como forma de solucionar as problemáticas vivenciadas pelos povos colonizados, no entanto, parece que a autora não identificou que a própria prática colonizadora já é imbuída de violência, nas palavras de Nogueira:

Leitor de Hegel, Fanon entende a dialética como um processo de tese, antítese e síntese, quando então nasceria um novo momento. Ora, a violência da metrópole tem como antítese a violência revolucionária da colônia. E o resultado pode ser a descolonização. A violência da colônia não é uma antipolítica; é, sim, a língua nativa da metrópole e a forma como esta faz política. O fim da violência só pode ocorrer com a demolição das fronteiras entre metrópole e colônia. NOGUEIRA, 2020, p. 8.

Nesse sentido notamos o vínculo direto entre a colonização e a violência que se exprime no racismo, racismo este que se infiltra nas várias camadas da sociedade afetando os diferentes níveis da vivência do ser humano. Pois, se por um lado Fanon cita a luta armada como uma maneira da colônia se libertar, por outro, existe uma luta a ser travada que não se resolve com armas. Trata-se, a saber, de uma das esferas afetada pelo racismo, a psíquica, área que Fanon se detém promovendo inovações fundamentais no ramo psiquiátrico. Afinal, mesmo com a independência dos povos de seus respectivos colonizadores não ocorre uma instantânea consciência identitária de tais povos pois, seus “modos de pensar, de sentir e de desejar – [ficam] [comprometidos] a despeito das bandeiras hasteadas e dos hinos entoados”, ou seja, segue incrustada na subjetividade das pessoas os parâmetros e ideais postos pelos colonizadores, ocorre uma espécie de intoxicação psíquica que não se desfaz facilmente.

Pode-se afirmar que parte das convicções de Fanon acerca do funcionamento da mente humana é relegada ao médico François Tosquelles, profissional renomado que Fanon conheceu ao fazer sua residência médica. Tosquelles acreditava que o sofrimento psíquico do indivíduo tem como uma de suas principais origens a sociedade que tal sujeito habita, ou seja, uma sociedade que ininterruptamente age no sentido de desprover certos sujeitos de sua própria humanidade. Tal situação, segundo o médico, apenas poderia ser convertida com mudanças na área da saúde mental, afinal “a relação entre médicos e pacientes, na modernidade, [assumiu] uma expressão colonial em suas manifestações de violência e exclusão” (FAUSTINO, 2020). Ou seja, trata-se de rever a forma como os próprios médicos lidam com seus pacientes, dado que, as estruturas coloniais que perpassam o conhecimento implicavam em teorias que afirmavam, por exemplo, que “o cérebro normal de um negro, ou de um árabe, equivaleria, em habilidades e raciocínio lógico, ao cérebro de um branco lobotomizado” (FUSTINO e OLIVEIRA, 2020, p. 10). Ainda, não apenas uma reformulação na área médica, mas igualmente, como é de se supor, uma transformação profunda e radical das próprias estruturas de tal sociedade colonialista se fazia necessário. Afinal, o mundo branco se coloca como ponto originário de partida no que se refere desde o conhecimento, passando pela cultura, política, padrões estéticos entre outros. Constrói-se uma espécie de ideal onde os valores e convicções de mundo das pessoas brancas é aquela considerada como verdadeira e imutável, sendo assim, qualquer outra característica que difira de tal ideal é desconsiderada, relegada às margens, quando não, aniquilada. Nesse sentido, o racismo torna-se um instrumento utilizado para distinguir o “civilizado” do “selvagem”, termos que ganharam roupagem valorativa e foram associados respectivamente à “bom, inteligente, racional” e “mau, estúpido e irracional”. Essa prática que perpassa a sociedade fornecendo estruturas para a mesma, invariavelmente repercute no psiquismo das pessoas deixando-as doentes.

Tempos depois, Fanon interrompeu seus estudos com Tosquelles, pois desejava passar em um concurso para ocupar a chefia de um importante hospital psiquiátrico na França. Ao conquistar tal vaga desejada, Fanon experenciou situações que o marcam profundamente, pois se deparou com pacientes padecendo de inúmeros sofrimentos mentais causados pela violência colonial. Como sublinha Faustino “no colonialismo o colonizado é lançado para baixo da linha da humanidade, ficando aquém do ‘pacto social’ moderno que instaura a ‘dominação legítima’ (FAUSTINO, 2020). Ou seja, a forma pela qual as pessoas negras eram

tratadas se caracterizava pela falta de humanidade em todos os aspectos. É assim que o psiquiatra martinicano opera uma série de transformações no hospital que chefiava. A divisão das pessoas enfermas passou a ocorrer, desde então, não mais a partir da “raça”, mas a partir da gravidade do sofrimento – não havia mais distinções entre europeus e indígenas, por exemplo. Além disso, atividades tais como debates, jogos, feiras de artesanato entre outras práticas, foram implementadas no intuito de propiciar um ambiente mais lúdico e saudável aos pacientes. Tal tomada de posicionamento imprime um caráter inédito, dado que “na sociedade colonial capitalista moderna, a negritude foi equiparada à sensibilidade irracional e à loucura, reduzida às suas dimensões biológicas” (FAUSTINO, 2020). Nesse sentido, podemos notar, em linhas gerais, a relevância da vivência de Fanon para a construção de sua teoria e de sua clínica que será mais aprofundada a seguir.

O Autor expõe em *Pele negra, máscara branca* (2008) seu posicionamento acerca da constituição do psiquismo, para tanto, ele empreendeu um estudo clínico. Segundo o psiquiatra “o negro não é um homem”, pois, “o negro é um homem negro” (FANON, 2008, p. 26). Isso significa afirmar que devido a questões afetivas de teor negativo o negro foi colocado em um lugar de não-ser, em um espaço do qual ele precisa ser retirado. A fim de compreender mais precisamente tais efeitos devastadores gerados pela colonização na constituição afetiva do negro, o autor acredita que apenas uma abordagem psicanalítica seria capaz de lançar luz à tal questão. Tal abordagem psicanalítica, no entanto, difere daquela utilizada por Freud, pois, segundo o pai da psicanálise, a constituição do psiquismo do sujeito ocorreria de maneira individual, levando em conta certa construção psíquica que é singular ao sujeito. O autor afirma “Freud, através da psicanálise, exigiu que fosse levado em consideração o fator individual. Ele substituiu a tese filogenética pela perspectiva ontogenética. Veremos que a alienação do negro não é apenas uma questão individual” (FANON, 2008, p. 28). Ou seja, Freud substituiu a tese filogenética pela ontogenética. Isso significa dizer que, no que se refere à constituição do indivíduo, Freud deixou de lado a tese filogenética que acredita que o sujeito é formado e se estabelece a partir dos eventos decorridos na evolução das espécies. Para a filogenia, é a adaptação humana que ocorre desde os primórdios da humanidade que ofereceria as condições para o desenvolvimento humano. Já a ontogênese, perspectiva adotada por Freud, se baseia na ideia de que tal desenvolvimento inicia-se na concepção e finaliza-se na morte. Dessa forma, no espaço decorrido entre esses dois pontos, a saber, a concepção e a morte, se desenrolariam diversas etapas singulares do desenvolvimento do indivíduo (MOURA, 2016).

Segundo o martinicano, entretanto, o indivíduo se estabelece de forma diversa, em suas palavras: “a sociedade, ao contrário dos processos bioquímicos, não escapa à influência humana” e, nesse sentido, “a alienação do negro não é apenas uma questão individual” (FANON, 2008, p. 28). De modo que para o autor, a sociogênese seria a forma como transcorre o desenvolvimento do ser humano. Cabe sublinhar que a sociogênese acredita que é a partir das relações sociais que o sujeito se desenvolve, ou seja, é em contato com a sociedade, com o mundo externo que o indivíduo se constitui enquanto tal. Trata-se, portanto, de reivindicar uma análise que não leve em conta apenas o plano subjetivo, mas sobretudo, o plano objetivo, pois “a realidade exige uma compreensão total” (FANON, 2008, p. 29).

Portanto, Fanon evidenciou a relevância dos processos sociais que

impactavam diretamente no ser humano, afirmando que, no caso da desalienação do negro, a tomada de consciência da realidade social e econômica seria fundamental para a dissolução da alienação que consistia tais sujeitos. Assim, se por um lado Freud priorizava a realidade psíquica em contraposição à realidade empírica, Fanon deixou evidente que o mundo concreto e material determinava o psiquismo humano e não o contrário. Para ele, o negro se sentia inferiorizado por duas razões de caráter fortemente factício, a saber, (1) o econômico e (2) a interiorização de seu rebaixamento, interiorização essa que ocorreria através do rebaixamento que lhe fora projetado devido à cor de sua pele.

Em sua prática marcada pelo viés da sociogênese o psiquiatra não orientava sua análise apenas pautado nos sintomas visíveis, como era comum da psiquiatria na época, mas Fanon se debruçava no meio social que o paciente estava inserido como também se contrapunha ao ambiente hospitalar psiquiátrico que em muito se assemelhava à uma prisão. No texto “Considerações etnopsiquiátricas” de *Alienação e liberdade* o autor pontua algumas das características vigentes nos hospitais psiquiátricos no Magreb:

1) não existe psiquiatria autóctone; 2) a arma essencial da psiquiatria é a psicoterapia, isto é, um diálogo entre o doente mental e o médico; na Argélia, inúmeros médicos psiquiatras ignoram a língua; 3) os testes psicológicos utilizados são aqueles normalmente empregados em território europeu e não levam em conta nada da cultura, da sociologia ou das condições de vida das massas argelinas. (FANON, 2020, p. 183)

Tal relato transparece a negligência e o descaso das instituições psiquiátricas da época, pois nota-se uma falta de interesse evidente com o paciente uma vez que se ignora, de antemão, a língua e a cultura do povo. Percebe-se antes, a postura comumente caracterizante do colonizador que, olhando através de sua própria ótica projeta seus instrumentos que se pretendem universais em culturas que não seguem necessariamente os parâmetros europeus.

No intuito de promover práticas mais sadias no ambiente hospitalar, Fanon propõe práticas inovadoras para o período. O Centro-Dia de Neuropsiquiatria, espaço onde psiquiatra exerceu o cargo de médico-chefe a partir de 1953, atuava de modo diverso do convencional. Sob a direção de Fanon o paciente psiquiátrico era tratado como qualquer outro paciente, ou seja, não recaía sob a pessoa que estava em tratamento o forte estigma que comumente recaí sob as pessoas que padecem de doenças mentais. A característica mais importante e mais destoante do Centro-dia em comparação com outros espaços que se dedicavam ao tratamento de questões psiquiátricas era que, Fanon proporcionava aos pacientes a liberdade. Segundo o psiquiatra:

O louco é aquele que é “estranho” à sociedade. E a sociedade decide se livrar desse elemento anárquico. O internamento é a rejeição, o alijamento do enfermo. A sociedade exige do psiquiatra que torne o enfermo novamente apto a integrar a sociedade. O psiquiatra é o auxiliar da polícia, o protetor da sociedade contra... O grupo social decide se proteger e tranca o doente. Quando o doente deixa o estabelecimento psiquiátrico sem a anuência do médico, há uma série de consequências a enfrentar. Os psiquiatras se insurgiram violentamente contra esse papel; exigiram das autoridades que deixassem alguma margem de espontaneidade à família e ao paciente. FANON, 2020, p. 214/215

Lilia Ben Salem, foi estudante do Fanon na disciplina por ele oferecida no curso de psicologia social. No livro de Fanon *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*, ela traz à guisa de apresentação de um dos escritos fanonianos, alguns trechos de suas anotações feitas na aula do então professor. Assim, sobre a liberdade conferida aos pacientes psiquiátricos, Salem narra que o paciente “passa o dia no hospital, mas volta para casa após as dezoito horas, como qualquer trabalhador; retorna todas as noites à vida civil; viaja nos meios comuns de transporte; vai ao café, frequenta a mesquita, tem vida familiar...” (SALEM, 2020, p. 213). É assim, inserido no mundo social, que Fanon acreditava ser possível o tratamento de muitas das enfermidades as quais padeciam seus pacientes. Através da psicoterapia de grupo o psiquiatra via resultados excelentes, apesar dessa técnica não funcionar em casos mais graves. Entretanto, em casos mais leves, um grupo de pessoas ao trocarem experiências e sensações produziam reflexões relevantes para o processo terapêutico que vivenciavam. A importância de situações marcadas pelo viés da sociabilidade também transparece sua importância quando Fanon menciona que frequentemente os pacientes possuem uma recaída, como o suicídio, ao aproximar-se da alta, de modo que, quanto mais habituado ao convívio social, melhor será para a saúde mental do paciente.

Ao abordar a linguagem, logo no primeiro capítulo de sua obra, Fanon pontua a importância desta, pois é através da linguagem que um indivíduo se manifesta no mundo e se apresenta para os demais sujeitos que o cercam. Assim, podemos afirmar que foi através da linguagem enquanto constructo social que algumas das condições para a inferiorização do negro foram postas. Afinal, um antilhiano será tanto mais um ser humano quanto mais adequar sua linguagem ao idioma francês. Absorver a língua francesa significava não apenas estar a par de sua sintaxe e de sua morfologia, mas sobretudo, tratava-se de assimilar a cultura francesa. Contudo, tal incorporação da cultura francesa não é inocente, pois refere-se à língua do colonizador. Nas palavras de Fanon: “todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao seputamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da noção civilizadora, isto é, da cultura metropolitana” (FANON, 2008, p. 34). Desde o início da vida o âmbito social imprime sua marca e a linguagem, por sua vez, torna-se veículo para a convivência em sociedade, nesse sentido, a linguagem se apresenta como meio que estabelece a relação entre o sujeito e a esfera social, para tanto “se o meio não me autoriza a responder, é evidente que me atrofia, que sou detido, retido, que não posso ter um ritmo normal; se o meio me amarra, há conflito (...) ser socializado é responder ao meio social, é aceitar que o meio social influi sobre o ego” (FANON, 2008, p. 218).

Até mesmo a forma como o antilhiano pronunciava o francês possuía impacto, pois aquele que o falava perfeitamente gerava medo “é preciso tomar cuidado com ele, é um quase branco” (FANON, 2008, p. 36). E aquele que imprimia algum sotaque em sua fala é rebaixado por não ser capaz de falar corretamente a língua que representava a civilidade. O antilhiano que viajava para Paris, por exemplo, ao retornar para sua terra, nos relata Fanon, parecia adquirir uma outra personalidade. Ele desconsiderava seu antigo modo de falar e ao apropriar-se da língua francesa oriunda da metrópole, passava a ser visto como aquele que sabe, passava a desdenhar seus compatriotas, era como se, de alguma forma, ele detesse o poder. Ora, Fanon cita Damourette e Pichon para salientar que um idioma exprime uma forma de pensar. Em um território fortemente influenciado pelo

colonizador ficava evidente que os elementos vinculados ao branco eram tidos como benquistos, enquanto que, devido ao processo de inferiorização do negro, tudo aquilo que dizia respeito à sua cultura é considerado inferior. Assim, aquele antilhiano que se apropriava de referências oriundas do branco europeu, sentia-se detentor de poder, sentia-se menos negro, portanto, mais humano. Nas palavras de Fanon: “falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura. O antilhiano que quer ser branco o será tanto mais na medida em que tiver assumido o instrumento cultural que é a linguagem” (FANON, 2008, p. 50).

Pode-se acrescentar que “a civilização branca, a cultura européia, impuseram ao negro um desvio existencial (...) aquilo que se chama de alma negra é frequentemente uma construção do branco” (FANON, 2008 p. 30). Nesse sentido, muitos antilhianos sentiam-se impelidos a falar francês, pois pronunciar a língua do colonizador propiciava um status de dignidade desconhecido pelo negro e gerava oportunidades que antes eram inacessíveis à tais sujeitos. Percebe-se, portanto, como a linguagem era capaz de ditar toda uma construção social acerca do status do negro. Ao leva-la em conta é possível detectar como um elemento dado pela sociedade influencia a construção psíquica do sujeito, fato que sublinha a tese sociogênica de Fanon.

No capítulo “O preto e psicopatologia” de *Pele negra, máscaras brancas*, Fanon sublinha que a psicanálise se propõe a estudar o paciente neurótico, mas questiona em que medida tais considerações freudianas poderiam ser universalizadas, afinal o contexto cultural em que tais reflexões psicanalíticas foram construídas é bem diversa do ambiente vivenciado pelo homem de cor. Nogueira exemplifica e cita que em *O mal estar na civilização* Freud afirma a inerência da neurose no ser humano, entretanto, uma vez que Fanon não concorda com tal generalização, ele serve-se de elementos da psicanálise, contudo dá ênfase na psicopatologia no esforço de proporcionar uma prática de acordo com as demandas de sujeitos específicos em um lugar específico. Afinal, como sublinha Nogueira

Nas sociedades africanas e nos contextos negros afrodiáspóricos, a dinâmica social não é marcada pelos mesmos códigos judaico-cristãos, pelos mesmos mitos de fundação. A subjetividade branca comporta o complexo de Édipo, mas os contextos africanos são historicamente, de modo geral, matrifocais. Por razões culturais, no âmbito das populações negras – e algo semelhante poderia ser dito dos povos originários da América –, não encontramos terreno fértil para o florescimento de síndromes e de distúrbios frequentes e estruturais na província Europa, em seu projeto da modernidade ocidental. NOGUEIRA, 2020, p. 13

A família europeia, a saber, se estrutura de modo bem específico, vale ressaltar a semelhança entre a instituição familiar e a estatal, pois se por um lado, há uma centralização de autoridade no aparato estatal, também na família ocorre esse movimento, sendo a figura paterna o local de convergência de poder. Nesse sentido, uma criança nascida no seio da família europeia ao se direcionar ao meio social não terá dificuldades de adaptação e de convivência, uma vez que já conhece a estrutura formal que lhe é apresentada. No entanto, afirma Fanon “Uma criança negra, normal, tendo crescido no seio de uma família normal, ficará anormal ao menor contacto com o mundo branco” (FANON, 2008, p. 129). Um exemplo dado pelo autor a guisa de ilustração é quando ele se refere ao ambiente escolar nas

Antilhas onde, desde cedo, as crianças são ensinadas a se identificarem com o colonizador e veem nos gauleses a metáfora paterna de sua civilização. Em nota, Fanon menciona que tal postura não deve ser vista desprovida de periculosidade, pois na medida em que um povo negro e colonizado se identifica com o seu dominador passa a constituir-se nesse indivíduo um certo modo de ser e uma determinada subjetividade que em dado momento irá se mostrar desfavorável ao próprio sujeito. Assim, o antilhano não se vê como negro, se vê como antilhano e sua identificação é com o branco, para ele o negro está na África, contudo, pontua Fanon “ele é um preto. E só o perceberá quando estiver na Europa; e quando por lá alguém falar de preto, ele saberá que está se referindo tanto a ele quanto ao senegalês” (FANON, 2008, p. 132). Aqui podemos nos remeter à Nogueira que indica que o branco colonizado pode passar despercebido, ou seja, devido à sua cor de pele ele pode, munido de artifícios da cultura branca, ser visto e tratado como qualquer outro branco, “o homem negro, por sua vez, não pode fingir; mesmo que use uma eficiente “máscara branca”, ele se denuncia à primeira vista” (NOGUEIRA, 2020, p. 9).

Nesse sentido, é correto afirmar que “só haverá uma autêntica desalienação na medida em que as coisas, no sentido mais materialista, tenham tomado os seus devidos lugares” (FANON, 2008, p. 29), ou seja, destaca-se a necessidade de reestruturação da esfera empírica, posto que ela surge como elemento fundamental para a consituição do psiquismo dos sujeitos.

Considerações finais

Freud via no ser humano a neurose como inerente à constituição mental de cada indivíduo. Se, primeiramente, o psicanalista buscava através da análise do paciente o trauma originário, a saber, de teor sexual, após sua experiência clínica o austríaco mudou de perspectiva. Ele compreendeu que existe certa parte do inconsciente é inacessível e, portanto, impossível de ser trazida ao nível do consciente. Ainda, ele percebeu que não havia, na origem da neurose, um evento de caráter factício, mas antes, tratava-se de criações fantasiosas que eram formuladas de forma totalmente individual. É então que ele remete ao conceito de realidade psíquica, pois o sofrimento do paciente seria vinculado à uma esfera de eventos que não condiziam com a realidade empírica, material, mas sim de acordo com as fantasias do paciente.

Por outro lado Fanon deixa clara a necessidade de limitarmos a pretensão universal da teoria freudiana, uma vez que a experiência do norte europeu não deve ser generalizada para as inúmeras culturas do globo. É assim que o psiquiatra se utiliza de instrumentos proporcionados pela metodologia da sociogenêse. Isso significa que, ao se direcionar para o paciente que sofre de questões mentais, Fanon procura não apenas a experiência individual do sujeito, mas sobretudo a influência social que tal sujeito vivenciou em sua vida, a forma como ele foi afetado por uma sociedade, a saber, estruturalmente racista, bem como modo com ele respondeu a situação. Fanon não pretende isolar o doente mental no hospital psiquiátrico, pois percebe a importância da convivência com a família, a religião e as demais esferas sociais no processo de recuperação do doente.

Assim, nota-se a importância de ambos os pensadores no que se refere ao cuidado com o aparato mental. Contudo compreender em paralelo a forma como ambos os pensadores se dirigem ao estudo do aparelho psíquico promove a possibilidade de empregarmos um perspectivismo das teorias e das práticas clínicas, uma vez que não é possível generalizar teorias locais como se houvesse um

sujeito universal.

Bibliografia

- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. EDUFBA: Salvador, 2008.
- FANON, Frantz. **Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FAUSTINO, D. M. A psiquiatria revolucionária de Frantz Fanon. **Quatro em um**. São Paulo, Folha de São Paulo. 01/07/2020. Disponível em: <https://quatrocincoum.folha.uol.com.br/br/resenhas/p/a-psiQUIATRIA-DE-FANON?fbclid=IwAR1JVEShJwohUYbT-TQ7T1yk31MVTzNzZ9kuY2n0dWXyPf8UdmhwFDfhi> Acesso em: 15 fev. 2022.
- FAUSTINO, D. M; OLIVEIRA, M.C.S. Frantz Fanon e as máscaras brancas da saúde mental: subsídios para uma abordagem psicossocial. **Revista da ABPN**, Goiania, v. 12, n. Edição especial, p. 6-26, 2020.
- FREUD, Sigmund. (1905) "Fragmento da análise de um caso de histeria". In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. (1937) "Construções em análise". In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LIGUIÇANO, Victorine. **Literatura e psicanálise: um estudo de delírio e sonhos na gradiva de Jensen (1907-1906) de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: autografia, 2021.
- MASSON, Jeffrey Moussaieff. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- MOURA, E. A. *et al.* Os planos genéticos do desenvolvimento humano: a contribuição de Vigotski. **Revista Ciências Humanas, Educação e desenvolvimento humano**, Taubaté, v. 9, n. 1, p. 106-114, 2016.
- NOGUEIRA, Renato. Uma filosofia para reexistir. In: FANON, Franz. **Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SALEM, Lilia Ben. Introdução: encontro entre a sociedade e a psiquiatria. In: FANON, Frantz. **Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

Recebido em: 12/2022
Aprovado em: 12/2022